

Formas tratamentais no semiárido baiano: contribuições para uma configuração diatópico-diacrônica do sistema de tratamento do português brasileiro

Mariana Fagundes de
Oliveira Lacerda
(Universidade Estadual de Feira
de Santana)
Zenaide de Oliveira Novais
Carneiro
(Universidade Estadual de Feira
de Santana)

Matheus Santos Oliveira
(Universidade Estadual de Feira
de Santana)
Dayane Moreira Lemos
(Universidade Estadual de Feira
de Santana)

Considerações iniciais

No âmbito do Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB), o sistema pronominal de 2^a pessoa vem sendo discutido, numa perspectiva diatópico-diacrônica, a partir da análise de formas de tratamento em documentação epistolar, de caráter pessoal, produzida no Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Santa Catarina, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte, durante os séculos XIX e XX. Foram apresentados, no *I Simpósio do Labor Histórico: história dos pronomes de tratamento no português brasileiro*, nossas contribuições, com dados de cartas baianas (MARTINS *et al.*, 2015; LACERDA; ANDRADE; CARNEIRO, 2016), cujos acervos integram o CE-DOHS – *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (FAPESB)¹, do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), da Universidade Estadual de Feira de

1 Cf: <www.uefs.br/cedohs>.

Santana (UEFS)². Nesta oportunidade, apresentamos uma análise – também de acordo com os princípios da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1994) – das formas de tratamento, na posição de sujeito e complemento³, encontradas em amostras de fala do semiárido baiano, onde a língua portuguesa, afetada por processos de transmissão linguística irregular (BAXTER, 1991), inicialmente na aprendizagem dos índios e, mais tarde, dos negros, foi incorporando fatos linguísticos comuns em situações de contato entre línguas. Essas amostras – de que falaremos, mais detalhadamente, na próxima seção – fazem parte do banco de dados do projeto A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano (FAPESB)⁴, coordenado por Norma Lucia Fernandes de Almeida e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro, no NELP/UEFS.

1 Os corpora

O trabalho de pesquisa baseou-se em amostras de fala de zonas rurais do semiárido baiano – resultantes das Fases I e II do projeto A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano – e em amostras de fala da zona urbana de Feira de Santana – segunda maior cidade do estado da Bahia –, resultantes da Fase III, buscando responder a questões como: será que o dialeto urbano de Feira de Santana sofreu muitas influências dos dialetos rurais e vice-versa? (ALMEIDA, 2005).

1.1 As amostras das zonas rurais

Na Fase I, foram escolhidas comunidades que representam o avanço da língua portuguesa na Bahia, a partir do século XVII: Piemonte da Diamantina/zona rural do município de Anselino da Fonseca, e Chapada Diamantina/zona rural do município de Rio de Contas. Na fase II, foram escolhidas duas regiões da Bahia: a Nordeste, uma das mais antigas, e a Paraguaçu, um importante ponto de passagem para o interior da Bahia. Na região Nordeste, as comunidades escolhidas foram: Lagoa do Inácio, Casinhas, Baixa da Tranqueira e Abóboras. Na região Paraguaçu, as localidades escolhidas foram duas, a saber: São José de

2 A hipótese de partida é que diferentes regiões do Brasil adotem sistemas tratamentais diferentes, o que pode explicar discrepâncias na evolução histórica dessas formas de tratamento encontradas na Bahia, face aos resultados obtidos para outras localidades do país.

3 É importante salientar que foram incluídos os dados em que o informante faz referência à 2.^a pessoa do singular.

4 Cf: <www.uefs.br/nelp>.

Itapororocas e Matinha (comunidade mestiça, com predomínio da população de origem africana)⁵.

Quadro 1 Amostras das zonas rurais do Projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano.

Zonas	Localidades
Anselino da Fonseca (Piemonte da Diamantina)	Piabas
Rio de Contas (Chapada Diamantina)	Barra dos Negros/Bananal/ Mato Grosso
Feira de Santana (Paraguaçu)	Matinha
Jeremoabo (Nordeste)	Casinhas Tapera Lagoa do Inácio

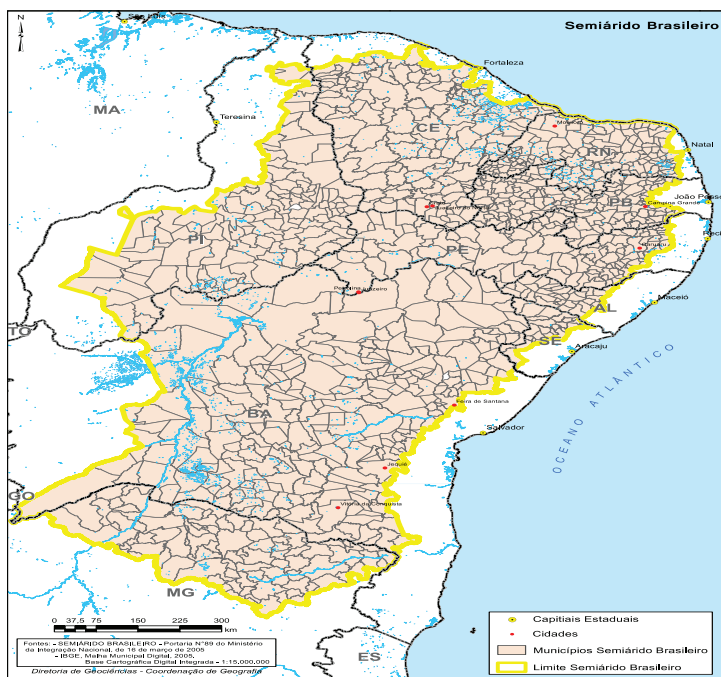


Figura 1 Área semiárida brasileira, incluindo grande parte da Bahia.

Fonte: IBGE.

5 Como afirma Mattos e Silva (2001), o estudo das variantes populares do PB é uma vertente importante de pesquisa para a recuperação do *português popular brasileiro*, cujo antecedente histórico é o *português geral brasileiro*, constituído do encontro multilíngue da população indígena, do português e da população de origem africana.

Há comunidades que foram formadas predominantemente por brancos; outras, predominantemente por negros e, finalmente, outras formadas predominantemente por índios. Como afirmam Almeida e Carneiro (2014, p. 18-19),

Um estudo linguístico a partir de amostras que levem em conta essas peculiaridades regionais pode (...) propiciar uma melhor compreensão e controle de aspectos que podem ter influenciado a formação linguística da população rural da região semiárida. Além disso, os dados de comunidades não marcadas etnicamente em contraposição àquelas marcadas etnicamente também podem ser significativos para o entendimento da formação sócio-histórica da língua falada nessas localidades.

Essas amostras – coletadas de 72 informantes, dos gêneros masculino e feminino, das faixas etárias I (25 a 35 anos), II (45 a 55 anos) e III (acima de 65 anos), em gravações do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) – encontram-se publicadas na coleção *Amostras da Língua Falada no Semiárido Baiano* (ALMEIDA; CARNEIRO, 2008), que se constitui de quatro volumes: volume I – Amostras da língua falada na zona rural de Anselino da Fonseca; volume II – Amostras da língua falada na zona rural de Rio de Contas (Chapada Diamantina); volume III – Amostras da língua falada na zona rural de Feira de Santana (Paraguaçu); volume IV – Amostras da língua falada na zona rural de Jeremoabo (Nordeste).

Foram considerados, nesta pesquisa, 21 informantes, três de cada localidade, dos gêneros masculino e feminino e das faixas etárias I, II e III.

1.2 As amostras da zona urbana de feira de Santana

Na Fase III, o projeto volta-se para a sede do município de Feira de Santana, tendo em vista que os dados coletados nessa cidade fornecem importantes subsídios para o entendimento da formação, caracterização e difusão do português brasileiro, notadamente no que se refere ao entrecruzamento das normas populares e cultas e ao contato rural e urbano: a língua falada nesse município agrega características que a fazem ser um “espelho” da realidade sociolinguística brasileira⁶.

6 Sobre a sócio-história do município de Feira de Santana, conferir Boaventura (1989).

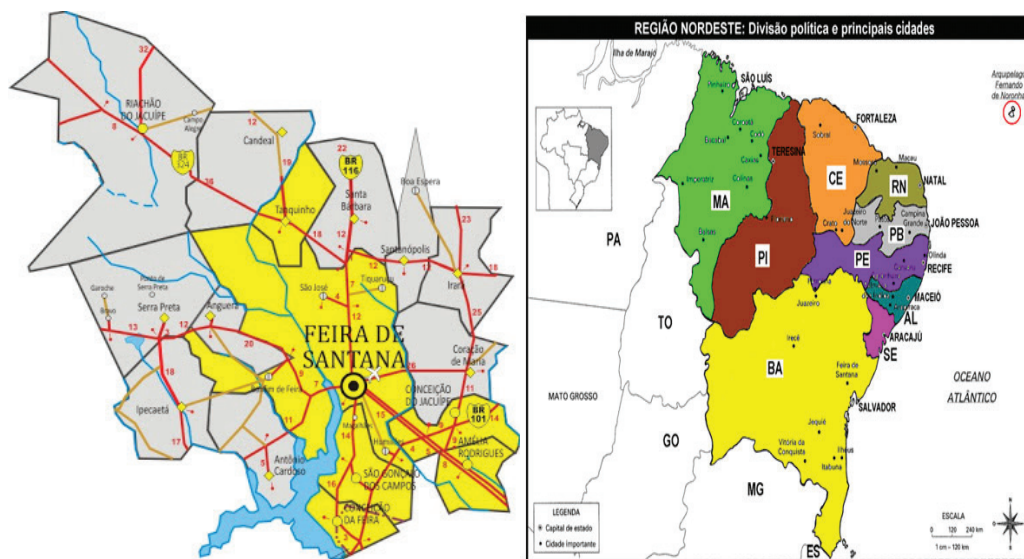


Figura 2 Município de Feira de Santana.

Fonte: MapasBlog.

São 72 informantes, dos gêneros masculino e feminino, das faixas etárias I, II e III, em gravações do tipo DID, assim como nas Fases I e II do projeto. Esse *corpus* (ainda inédito) traz entrevistas representativas da norma popular, da norma culta e da norma semi-culta⁷:

Quadro 2 Caracterização do *corpus* da zona urbana de Feira de Santana.

Norma popular	Norma culta	Norma semi-culta (Ensino Médio)
Feirenses filhos de feirenses	Feirenses filhos de feirenses	Feirenses filhos de feirenses
Feirenses filhos de migrantes		
Migrantes		
Feirenses da zona rural		

Fonte: Araújo, 2014.

Neste trabalho, analisamos dados da norma popular (feirenses filhos de feirenses), 12 informantes, e da norma culta (feirenses filhos de feirenses), também 12 informantes, num total de 24 informantes, dos dois gêneros e das três faixas etárias.

7 Sobre a polarização sociolinguística do PB, conferir Lucchesi (1994).

2 Princípios teórico-metodológicos

Os dados foram analisados de acordo com os princípios da Sociolinguística Quantitativa (LABOV, 1994), com apoio do software *Goldvarb X*. Para tanto, os dados foram classificados quanto à variável dependente (paradigma de tratamento)⁸ e quanto às seguintes variáveis independentes: forma concreta realizada; função sintática⁹; tratamento na posição de sujeito e de complemento; gênero do informante; faixa etária do informante, região da amostra e localidade da amostra, e, no caso da análise do *corpus* da zona urbana de Feira de Santana, a norma linguística do informante (popular e culta).

Para a análise dos dados, partimos das reflexões de Lopes & Cavalcante (2011) a respeito da presença de dois subsistemas de representação de segunda pessoa do singular no PB, considerando interações entre o sistema pronominal e suas formas nominais de origem com outras características do sistema gramatical em questão, como a perda de sujeitos nulos.

3 Os dados das fases I e II: zonas rurais

A seguir, apresentamos os dados obtidos da análise do conjunto de amostras das zonas rurais do semiárido baiano.

Tabela 1 Distribuição geral das formas de tratamento.

VARIÁVEL DEPENDENTE	Nº	%
VOCÊ	514	86.0
TU	84	14.0

Foram analisadas 598 ocorrências de formas tratamentais (plenas) dos paradigmas de *você* e *tu*, na posição de sujeito e de complemento. As formas de tratamento do paradigma de *você* são bem mais frequentes do que as formas do paradigma de *tu* (86% e 14%, respectivamente), como também ficou evidenciado na análise da documentação epistolar dos séculos XIX e XX (LACERDA; ANDRADE; CARNEIRO, 2016); nessa documentação, o *tu* pleno é inexistente. Nas amostras de fala em questão, são 58 o número de ocorrências de *tu*, sujeito pleno, e 26 ocorrências de *tu*, complemento pleno (conferir Tabela 3).

8 É importante observar que as formas zero (sujeitos e complementos não realizados) não foram contabilizadas.

9 Esse fator não inclui a realização do sujeito pleno *vs.* nulo.

Tabela 2 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à forma concreta realizada.

FORMA CONCRETA REALIZADA	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Clítico de 2ª TE	–	–	25	100	25	4.2
Clítico de 3ª LHE	60	100	–	–	60	10.0
<i>Para você</i>	6	100	–	–	6	1.0
<i>A você</i>	2	100	–	–	2	0.3
Sintagma Preposicionado de <i>você</i> (preposições diferentes de <i>para</i> e <i>a</i>)	22	100	–	–	22	3.7
<i>Você</i>	205	100	–	–	205	34.3
<i>Ocê / cê</i>	219	100	–	–	219	36.6
<i>Tu</i>	–	–	59	100	59	9.9

As formas variantes *você* ~ *ôce* ~ *cê* aparecem no *corpus*, sendo o número de ocorrência da forma padrão *você* um pouco menor do que o número de ocorrências das formas não-padrão, mais gramaticalizadas.

- (1) Meu fio, hoje eu vou ali, **VOCÊ** tome responsabilidade disso, da roça, dos bicho, daquilo outro” (Casinhas, J.N.C.J.)
- (2) Tá mais eu, **OCÊ** fica mais ele, mas não judei dele. (Piabas, M.L.S)
- (3) **CÊ** é louco não pode xingar nome não, rapaz”. (Tapera, J.B.P)

Tabela 3 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à função sintática.

FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sujeito pleno	409	87.6	58	12.4	467	78.1
Acusativo	23	65.7	12	34.3	35	5.9
Dativo	60	81.1	14	18.9	74	12.4
Oblíquo complemento ou adjunto	22	100'	–	–	22	3.7

Não foram encontrados na amostra analisada dados de *tu* na função oblíqua. Quanto aos dados de acusativo e dativo, há exemplos de *lhe* dativo (padrão) e de *lhe* acusativo (não-padrão) nas amostras (exemplos (4) e (5)), como há exemplos de *te* acusativo e dativo (exemplos (6) e (7)):

- (4) Eu num sei fazer nada, vou **LHE** falar não aprendi não. (Mato Grosso, A.C.S.)
 (5) Aí dizia: “quando ou voltar se você inda tiver aqui, aí eu **LHE** mato” (Casinhas, M.J.O.)
 (6) Deus **TE** ajude (Bananal/Barra dos Negros, M.I.S.)
 (7) Minha mãe, ah, deixa eu **TE** contar de cuma eu fui criada. (Matinha, L.M.)

Na posição de complemento, a estratégia mais produtiva no que diz respeito à função acusativa é *lhe*, não havendo casos, nas amostras analisadas nesta pesquisa, da forma tradicional de acusativo *o/a* (a variação é entre os clíticos *lhe* e *te*.) A forma dativa predominante é também o clítico *lhe*.

Tabela 4 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à posição de sujeito e complemento.

TRATAMENTO NA POSIÇÃO DE SUJEITO E COMPLEMENTO	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Informante com uso exclusivo de sujeito <i>Você</i>	67	100	–	–	67	11.2
Informante com mistura <i>tu</i> e <i>você</i> na posição de sujeito	447	84.2	84	15.8	531	88.8

A variação aparece apenas nos dados de informantes que misturam *você* e *tu* na posição de sujeito, e – sempre que os informantes usam *tu* – o verbo fica na 3ª pessoa do singular:

- (8) **TU** *sente* isso? Bebe um remédio, fulano”! (Piabas, J.F.S.)
 (9) Leva hoje e amanhã **TU** *traz*. (Matinha, V.C.)
 (10) Qu’ê que **TU** *tem* menina. (Tapera, MJ)

Não houve caso de uso exclusivo de sujeito *tu* na amostra analisada.

Quanto ao gênero, a análise revelou que os informantes do gênero feminino usam mais a forma canônica *tu* do que os informantes do gênero masculino, o que corrobora resultados apresentados em vários estudos no Brasil¹⁰; mas tanto os homens como as mulheres preferem a forma inovadora *você*.

Tabela 5 Distribuição geral das formas de tratamento quanto ao gênero.

GÊNERO	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Homem	297	92.0	26	8.0	323	54.0
Mulher	217	78.9	58	21.1	275	46.0

10 Ver, por exemplo, Franceschini e Loregian-Penkal (2015), que fazem um estudo da variável gênero e o uso de *tu/você* no sul do Brasil.

Considerando a faixa etária, fica evidente, na amostra analisada, que os mais jovens usam mais a forma inovadora *você* do que o *tu* canônico. A forma conservadora *tu* é mais comum entre os informantes da faixa etária intermediária.

Tabela 6 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Faixa I	84	80.0	21	20.0	105	17.6
Faixa II	304	88.6	39	11.4	343	57.4
Faixa III	126	84.0	24	16.0	150	25.1

Em todas as regiões, como está descrito na tabela 7, a preferência é pela forma inovadora *você*, com 214 ocorrências somente na região da Chapada Diamantina. No Piemonte da Diamantina, a variação *você/tu* é mais equilibrada (62.7% e 37.3%, respectivamente).

Tabela 7 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à região.

REGIÃO	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Nordeste	144	94.1	9	5.9	153	25.6
Piemonte da Diamantina	52	62.7	31	37.3	83	13.9
Chapada Diamantina	214	91.1	21	8.9	235	39.3
Paraguaçu	104	81.9	23	18.1	127	21.2

Conforme tabela 8, são as localidades de Barra dos Negros/Bananal, na Chapada Diamantina, que têm o maior número de ocorrências de *você*, 134. Em Tapera, há somente duas ocorrências de *tu* (sujeito em (11) e dativo em (12)) e, em Lagoa do Inácio, somente uma (dativo em (13)).

Tabela 8 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à localidade.

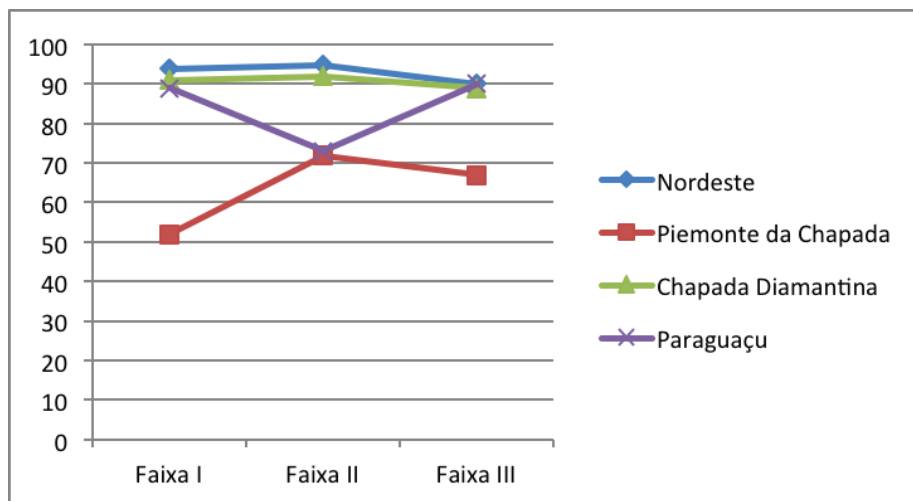
LOCALIDADE	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Jeremoabo/Nordeste/Casinhas	47	88.7	6	11.3	53	8.9
Jeremoabo/Nordeste/Lagoa do Inácio	89	98.9	1	1.1	90	15.1
Jeremoabo/Nordeste/Tapera	8	80.0	2	20.0	10	1.7
Ancelino da Fonseca/Caem/Piemonte da Diamantina/ Piabas	52	62.7	31	37.3	83	13.9
Rio de Contas/Chapada Diamantina/ Barra dos Negros/Bananal	134	91.2	13	8.8	147	24.6
Rio de Contas/Chapada Diamantina/ Mato Grosso	80	90.9	8	9.1	88	14.7
Feira de Santana/Paraguaçu/Matinha	104	81.9	23	18.1	127	21.2

(11) Mãe chegava, aí eu ficava trancada com o zóio tapado c'um pano pra ela não vê. “Qu'ê que TU tem menina?” (Tapera, M.J.)

(12) Aquele que vai, assim, eu TE mostrei como é, o comício lá? (Tapera, M.J.)

(13) Eu num sei TE dizer, né? (Lagoa do Inácio, R.D.S.)

Na Figura 3, apresentamos o cruzamento entre a faixa etária e as regiões. Na região da Chapada Diamantina, é a faixa intermediária a principal responsável por 91.1% de *você* frente a 8.9% de *tu*.

**Figura 3** Uso de *você* em cruzamento entre localidade e faixa etária.

4 Os dados da fase III: zona urbana de Feira de Santana

Descrevemos a seguir os dados encontrados nas entrevistas da zona urbana de Feira de Santana, considerando apenas as formas plenas.

Tabela 9 Distribuição geral das formas de tratamento.

VARIÁVEL DEPENDENTE	Nº	%
VOCÊ	471	94.2
TU	29	5.8

Foram analisados 471 dados de *você*, inovador, e apenas 29 dados de *tu* canônico (sendo cinco na posição de complemento), estando as formas concretas realizadas apresentadas na tabela 10.

Tabela 10 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à forma concreta realizada.

FORMA CONCRETA REALIZADA	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Clítico de 2ª TE	–	–	3	100	3	0.6
Clítico de 3ª LHE	2	100	–	–	2	0.4
<i>Para você</i>	4	100	–	–	4	0.8
<i>A você</i>	1	100	–	–	1	0.2
Sintagma Preposicionado de <i>você</i> (preposições diferentes de <i>para</i> e <i>a</i>)	2	100	–	–	2	0.4
<i>Você</i>	450	100	–	–	450	90.0
<i>Cê</i>	12	100	–	–	12	2.4
<i>Tu</i>	–	–	26	100	26	5.2

No *corpus*, aparece a variação *você* ~ *cê*, sendo o número de ocorrências da forma padrão *você* bem maior do que a frequência da forma não-padrão *cê* (450 e 12, respectivamente).

- (14) A gente tenta passar também esse tipo de educação pras pessoas, que é chamada a educação de berço, é aquela que VOCÊ não adquire na rua, não adquire na escola, CÊ adquire em casa e quando os pais não dão, às vezes eu tenho tento a dar na escola. (Norma Culta Feirense, J.A.R.R.)

- (15) A mesma coisa, CÊ corta o coco, rala o coco tudo, bate, côa (Norma Popular Feirense, I.)

Tabela 11 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à função sintática.

FUNÇÃO SINTÁTICA	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Sujeito pleno	463	95.1	24	4.9	487	97.4
Acusativo	2	66.7	1	33.3	3	0.6
Dativo	4	50.0	4	50.0	8	1.6
Oblíquo complemento ou adjunto	2	100	–	–	2	0.4

Não há dados no *corpus* analisado de *tu* na função oblíqua.

As ocorrências de *você* e *tu* no *corpus* são, em sua maioria, na posição de sujeito. São apenas 8 e 5 casos de *você* e *tu* complemento, respectivamente. A forma átona *lhe* aparece tanto na função dativa, como na função acusativa, não-padrão, na amostra popular (exemplos (16) e (17), respectivamente); na amostra culta, aparece somente na função dativa, padrão (exemplo (18)):

- (16) Eu alcancei a Feira, eu vou LHE dizer: mataram um rapaz. (Norma Popular Feirense, B.)
- (17) Então o povo não olha bem assim, não LHE agasalha como Feira de Santana assim (Norma Popular Feirense, P.M.C)
- (18) Feira de Santana tem é...um mercado de arte que toda semana tem uma amostra de arte. Então, quem LHE disse que Feira de Santana não tem (Norma Culta Feirense, C.A.A.L.)

Não há casos, nem nas amostras da norma popular nem nas amostras da norma culta, da forma tradicional de acusativo *o/a*. Os complementos com preposição foram a estratégia mais produtiva nas amostras urbanas de Feira de Santana.

Tabela 12 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à posição de sujeito e complemento.

TRATAMENTO NA POSIÇÃO DE SUJEITO E COMPLEMENTO	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Informante com uso exclusivo de sujeito <i>Você</i>	262	100	–	–	262	52.4
Informante com uso exclusivo de sujeito <i>Tu</i>	–	–	1	100	1	0.2
Informante com mistura <i>você</i> e <i>tu</i> na posição de sujeito	209	88.2	28	11.8	237	47.4

No que diz respeito à comparação entre as formas de tratamento na posição de sujeito e de complemento, a variação se concentra nos dados de informantes que misturam *você* e *tu* na posição de sujeito. Destacamos que há somente um caso em que se dá o uso exclusivo de sujeito *tu*:

(19) É, **TU** segue in frente, é... **TU** segue in frente que o banheiro ta'li tem uma placazinha masculino, feminino e só é **TU** seguir in frente **TU** acha. (Norma Culta Feirense, W.C.G.)

Os homens usam mais *tu* do que as mulheres, com uma diferença de cinco ocorrências; ambos preferem a forma inovadora *você*, conforme tabela 13.

Tabela 13 Distribuição geral das formas de tratamento quanto ao gênero.

GÊNERO	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Homem	208	92.4	17	7.6	225	45.0
Mulher	263	95.6	12	4.4	275	55.0

Considerando a faixa etária, há mais dados da forma conservadora *tu* entre os mais jovens (20) e menos dados entre os mais velhos (4).

Tabela 14 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à faixa etária.

FAIXA ETÁRIA	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Faixa I	218	91.6	20	8.4	238	47.6
Faixa II	167	97.1	5	2.9	172	34.4
Faixa III	86	95.6	4	4.4	90	18.0

Quanto à norma linguística, os representantes da norma culta usam mais, como era esperado, a forma conservadora *tu* do que os representantes da norma popular, mas ambos, quando usam *tu*, não fazem a concordância padrão; todos os 24 casos de *tu* sujeito são com o verbo na terceira pessoa do singular.

Tabela 15 Distribuição geral das formas de tratamento quanto à norma linguística.

NORMA LINGUÍSTICA	VOCÊ		TU		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Popular	148	94.9	8	5.1	156	31.2
Culto	323	93.9	21	6.1	344	68.8

Os exemplos (20), (21) e (22) são da Norma Popular Feirense:

(20) Mais eu tinha uma von... **TU** *cunhece* aquelas bunequinha de pano num cunhece? (Norma Popular feirense, M.)

(21) Oi minha filha quando é que **TU** *vem* aqui? (Norma Popular Feirense, R.)

(22) E ainda depois que eu fiz os exames foi sofrimento com aquela criatura, **TU** não *imagina* só. (Norma Popular Feirense, C.)

Os seguintes, da Norma Culta Feirense:

(23) Açúcar a gosto e pronto, **TU** *vai* ver como é bom (Norma culta feirense, W.C.G.)

(24) **TU** *falou* do mestrado (Norma Culta Feirense, H.)

(25) Porque **TU** *sabe* que eu sou tabaroa, eu vou me perder (Norma Culta Feirense, P.L.O)

Das 21 ocorrências de *tu* entre os informantes cultos, 19 aparecem na faixa etária I. Nas faixas etárias II e III, o uso de *você* é quase categórico entre os cultos. Entre os informantes da norma popular feirense, há somente uma ocorrência de *tu* na faixa etária 1 (Figura 4).

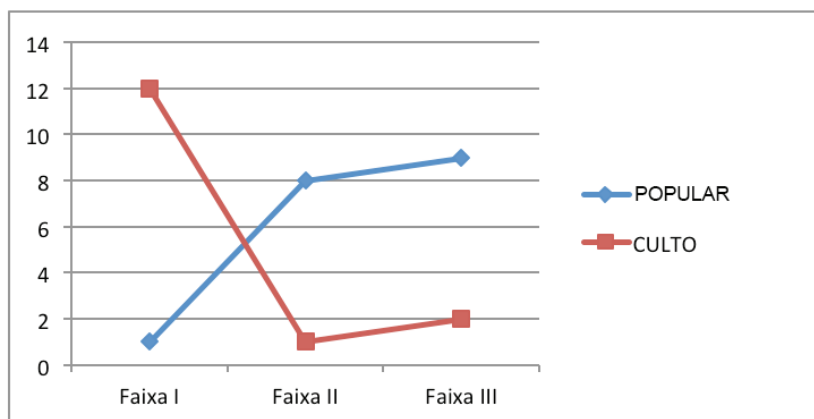


Figura 4 Uso de *tu* em cruzamento entre norma linguística e faixa etária.

5 Análise contrastiva dos dados

Os resultados obtidos das amostras das zonas rurais do semiárido baiano são similares aos resultados obtidos das amostras da zona urbana de Feira de Santana:

- Tanto na zona rural como na zona urbana, houve ampla preferência pela forma inovadora *você*;
- Tanto nas amostras orais da zona rural como nas amostras orais da zona urbana de Feira de Santana, sempre que se empregou *tu* sujeito, o verbo seguiu o paradigma de 3ª pessoa.
- Há grande frequência de mistura de *você/tu* na posição de sujeito nos *corpora* rural e urbano.

- d) Nos dois *corpora* – rural e urbano –, a variação quanto ao tratamento na posição de sujeito e complemento aparece apenas nos dados de informantes que misturam *você* e *tu* na posição de sujeito.
- e) Não há casos, nas amostras analisadas, da forma tradicional de acusativo *o/a*.
- f) Na posição de complemento, em todas as amostras, concorrem os clíticos *lhe* e *te*, sendo mais comum a forma *lhe*.
- g) Foram encontradas ocorrências de *lhe* acusativo, não-padrão, na zona rural e na zona urbana; mas, nas amostras de feirenses cultos, não.
- h) Não há dados de *tu* na função oblíqua, em nenhuma amostra.

No que diz respeito às variáveis sociais, nas amostras rurais, *tu* e suas formas correspondentes são mais comuns entre as mulheres, e *você* e suas formas correspondentes, mais comuns entre os mais jovens, o que, como vimos, não surpreende. Nas amostras urbanas, por outro lado, *tu* é mais frequente entre os homens do que entre as mulheres, mas com uma pequena diferença de cinco ocorrências; e, ao contrário do esperado, a forma conservadora *tu* aparece mais entre os mais jovens do que entre os mais velhos.

Em relação aos dados rurais do semiárido baiano, considerando as diversas regiões e localidades, não houve diferenças significativas; em todas elas, com formações sócio-históricas distintas, a frequência de *você* inovador é superior (Piemonte da Diamantina) ou muito superior (Nordeste, Chapada Diamantina, Paraguaçu) à frequência de *tu* conservador.

No caso das amostras urbanas, considerando a norma linguística, os cultos usam mais o *tu* canônico do que os informantes da norma popular, e nem uns nem outros seguem o paradigma verbal de 2ª pessoa quando usam *tu*.

Considerações finais

Os dados obtidos das amostras orais abordadas neste trabalho revelam que o sistema de tratamento na zona rural do semiárido baiano e na zona urbana de Feira de Santana tem traços comuns e é inovador, considerando-se a ampla preferência pela forma *você* e a ausência de casos de acusativo conservador *o/a*; além disso, quando *tu* é empregado, mesmo na norma culta da zona urbana de Feira de Santana, o verbo segue o paradigma de 3º pessoa. Na análise feita em cartas baianas dos séculos XIX e XX, por Lacerda, Andrade e Carneiro (2016), os resultados revelaram, em comparação com dados do século XVIII (MARCOTULIO, 2010) e dos séculos XIX e XX de dois outros estados do Nordeste (Pernambuco e Rio Grande do Norte; cf. MARTINS *et al.*, 2015) e do Rio de Janeiro (LOPES; CAVALCANTE, 2011), por outro lado, um sistema de tratamento com alguns traços importantes de conservadorismo linguístico; por exemplo, a inexistência

de dados de *tu* pleno e a grande frequência da forma *lhe* nas funções acusativa e dativa, frente à forma *te* (501 e 22 ocorrências, respectivamente).

Considerando as amostras da norma popular, de um lado, e da norma culta, de outro, da zona urbana de Feira de Santana, os dados encontrados revelam um sistema de tratamento semelhante, com preferência por *você* e com verbo na 3ª pessoa nos casos de uso de *tu*, portanto sem concordância padrão. Isso demonstra uma aproximação entre o PB culto e o PB popular/vernacular. O movimento de aproximação – e de distanciamento – entre essas duas vertentes pode ser representado na Figura 5, a seguir, elaborada a partir de Andrade e Carneiro (2012):



Figura 5 Movimento de aproximação e distanciamento entre o PB culto e o PB vernacular (ANDRADE; CARNEIRO, 2012).

Diante desse cenário, Lopes (2008b) defende – discutindo a questão do ensino de pronomes pessoais em sala de aula – que o papel do professor é apresentar ao aluno o que é normal, usual e frequente no PB, sem, no entanto, perder de vista o que está disponível na nossa literatura, na nossa língua e na nossa história. Segundo a autora, no ensino de português,

A mera substituição do quadro tradicional pelo quadro atual não resolveria o problema, pois as formas *nós ~ a gente* e *tu ~ você* ainda coexistem no português brasileiro. O pronome *vós* está presente nos textos bíblicos e talvez ainda possa ser ouvido em templos religiosos que se espalham hoje pelo país. Deixar de apresentar aos alunos o atual sistema em toda sua complexidade é um equívoco, mas não mencionar a existência dos pronomes em desuso seria um equívoco ainda maior.” (p. 116)

Referências

ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de. *Sujeito nulo e morfologia verbal no português falado em três comunidades rurais da Bahia*. Tese. (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). *Coleção amostra da língua falada no semi-árido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, FAPESB, 2008. v. 4. 450 p.
- ALMEIDA, Norma Lucia Fernandes de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais (Org.). *A variação linguística no semiárido baiano*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2014.
- ANDRADE, Aroldo Leal de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. A posição e a colocação de clíticos em predicados complexos: o português brasileiro visto a partir de duas vertentes. *Revista de Filologia e Linguística Portuguesa*. v. 16, n. especial, p. 125-161, 2014.
- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias. *A concordância verbal no português falado em Feira de Santana – BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro*. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- BOAVENTURA, Eurico Alves. *Fidalgos e vaqueiros*. Salvador: Editora da UFBA, 1989.
- FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. A variável sexo/gênero e o uso de tu/você no sul do Brasil. *Signum: Estudos da Linguagem*, v.18, n. 1, p. 182-205, 2015.
- LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira; ANDRADE, Aroldo Leal de; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais. Formas tratamentais em cartas baianas: sujeito e outras funções. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 58, n. 2, p. 257-276, 2016.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia In: *Português Brasileiro II – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008a, v.2, p. 55-71.
- LOPES, Célia Regina. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2008b.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX. In: CORTINA,

- Arnaldo; NASSER, Sílvia Maria Gomes da Conceição. (Org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2009, v.17, p. 47-74.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; CAVALCANTE, Sílvia Regina Oliveira. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Linguística*. v. 25, p. 30-65, 2011.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, M. C. B. O quadro de pronomes pessoais do português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos In: *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo/Campinas: FAPESP/Pontes Editores, 2007, v.1, p. 419-436.
- LOPES, Célia Regina dos Santos; RUMEU, Márcia Cristina de Brito; MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. Pronomes e determinantes: a reestruturação do paradigma pronominal no português brasileiro pelo viés da gramaticalização In: HORA, DERMEVAL; SILVA, Camilo Rosa. (Org.). *Para a História do Português Brasileiro: abordagens e perspectivas*. João Pessoa: Ideia, 2010, v.VIII, p. 122-124.
- LOPES, Célia Regina dos Santos Lopes *et al.* A reorganização do sistema pronominal de 2.^a pessoa na história do português brasileiro: a posição de sujeito. [A sair em: CASTILHO, Ataliba. (org.) *História do Português Brasileiro*, vol. 3.]
- LABOV, William. *Principles of Linguistic Change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LUCCHESI, Dante. Variação e norma: elementos para uma caracterização sociolinguística do português do Brasil. *Revista internacional de língua portuguesa*, v. 12, p. 17-28, 1994.
- MARCOTULIO, Leonardo Lennertz. *Língua e História: o 2.º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Ítaca Comunicações, 2010.
- MARTINS, Marco Antônio *et al.* Para um panorama sócio-diacrônico das formas de tratamento na função de sujeito na região Nordeste. *LaborHistórico*, v.1, n.1, p. 26-48, 2015.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. De fontes sócio-históricas para a história social linguística do Brasil: em busca de indícios. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Para a história do português brasileiro: primeiros estudos*. São Paulo: Humanitas/FFCHL/USP:FAPESP, v.2, t. 2, 2001, p. 275-302.

